

JEM PRECISA DECLARAR

COM PREENCHER A DECLARAÇÃO

MUDANÇAS NA PRÉ-PREENCHIDA

Economia



Exclusivo para assinantes

Brasil quer evitar que agenda do Brics seja vista como contrária a Trump

Em abril, sherpas e chanceleres se reunirão no Rio, para preparar agenda da cúpula de chefes de Estado, em julho; focos serão comércio e defesa do multilateralismo

Por **Janaína Figueiredo** — Buenos Aires

28/03/2025 12h23 · Atualizado agora



BRICS

Brasil 2025



Embora agenda vá na contramão da promovida pelo presidente dos EUA, fontes do governo brasileiro afirmam que 'o Brics não buscará se opor a Trump' — Foto: Cristiano Mariz/Agência O Globo - 25/02/2025

RESUMO

Sem tempo? Ferramenta de IA resume para você



[CLIQUE E LEIA AQUI O RESUMO](#) ▼

Aumentar e facilitar o comércio entre membros do grupo e defesa do multilateralismo. Esses são dois dos pontos centrais da agenda da presidência brasileira do **Brics**, que se encerrará em meados do ano numa

cúpula de chefes de Estado no Rio. Antes do encontro presidencial, sherpas (representantes dos países) e ministros das Relações Exteriores se encontrarão, também no Rio, na segunda metade de abril.

- **Tarifa secundária: a nova arma de Trump na guerra comercial 'inventada' contra a Venezuela**
- **Sem provocar Trump: Brasil quer propor tecnologia cripto para o comércio entre países do Brics**

Embora seja indiscutível que essa agenda vai na contramão da promovida pelo presidente dos Estados Unidos, **Donald Trump**, fontes do governo brasileiro afirmaram ao GLOBO que “o Brics não buscará se opor a Trump, não se trata disso. O grupo terá, sim, um papel afirmativo sobre suas posições”.

O que acaba acontecendo, afirmou a mesma fonte, “é que Trump, por questionar ações do grupo e inclusive ameaçá-lo, acaba levantando a bola do Brics”.

Mas os 20 países (11 como membros plenos e 9 como "parceiros de diálogo") que integram atualmente um grupo que, segundo dados do Centro de Estudos e Pesquisas BRICS (BPC), think tank vinculado ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio (IRI/PUC-Rio), representa 39% do PIB global, não tem qualquer intenção de provocar o presidente americano. Pelo contrário.

MAIS SOBRE DONALD TRUMP >



Governo Lula 'pode ter errado em uma coisa ou outra, mas o conjunto da obra está



Groenlândia forma novo governo diante das ameaças de anexação por Trump,

na direção correta', diz
Haddad

horas antes da chegada
do vice americano

Especulações sobre a criação de uma moeda Brics são apenas isso, frisaram fontes oficiais, “especulações”.

Pouco depois de assumir o poder, o presidente republicano ameaçou impor tarifas de 100% sobre os produtos dos países do Brics caso eles avançassem com planos de substituir o dólar por uma moeda alternativa em suas transações comerciais.

— O que todos os países querem é reforçar parcerias em matéria comercial, de investimentos e finanças. A ideia é buscar maneiras de facilitar os pagamentos, e para isso os bancos centrais estão analisando opções. Moeda Brics não está na agenda — frisou outra fonte.

Empréstimos em moeda loca

A ideia, até o momento, é buscar caminhos para ampliar o comércio entre os países membros — os cinco fundadores (Brasil, Rússia, China, Índia, e por último, África do Sul, e os também membros plenos Egito, Etiópia, Indonésia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos) — e os nove que aderiram como “parceiros de diálogo” (Belarus, Bolívia, Cuba, Cazaquistão, Malásia, Nigéria, Tailândia, Uganda e Uzbequistão), e com o resto do mundo.

Em 2023, a participação do Brics no comércio global foi de apenas 23%. De acordo com o BPC, o comércio entre países do grupo, criado em 2008, passou de US\$ 17 bilhões no ano 2000 para US\$ 334 bilhões em 2020. O governo brasileiro e seus sócios acreditam que ainda existe um enorme potencial a ser explorado por todos os países.

- **Nova investida de Trump: EUA devem elevar tarifas sobre cobre em poucas semanas, dizem fontes**

Uma das alternativas é a possibilidade de pagamento em moeda local, mecanismo já usado pela China com sócios como a Rússia — sobretudo após a invasão da Ucrânia, em fevereiro de 2022, e a consequente imposições de sanções ao país, banido do sistema financeiro internacional — e, ainda em pouquíssimas operações, com o Brasil, entre outros.

Existem entraves importantes a serem superados, admitiram as fontes consultadas, entre eles a necessidade de criar mecanismos para que empresas locais, por exemplo brasileiras, possam utilizar pagamentos em outras moedas dentro de seu próprio país.

O grupo também pretende ampliar a carteira de empréstimos em moeda local do Novo Banco de Desenvolvimento (NDB, da sigla em inglês, New Development Bank), um banco multilateral de desenvolvimento criado pelos países do Brics em 2014.

- **BYD: Chinesa ultrapassa Tesla, de Elon Musk, e se torna líder em carros elétricos e híbridos**

Atualmente, segundo relatório do NDB, foram realizadas poucas operações desse tipo. Em 2023, a China obteve o equivalente a US\$ 230 milhões e a África do Sul US\$ 73 milhões em financiamentos em suas respectivas moedas locais.

— Mesmo sem Trump, este ano não deveríamos esperar uma evolução extremamente rápida em matéria de pagamento em moedas locais, entre outros temas. O Brics tende a ser conservador em matéria de tomada de decisões, a cada ano vemos um pequeno passo adiante — afirma Gustavo de Carvalho, pesquisador do Instituto Sul-africano de Assuntos Internacionais.

Agenda 'politicamente menos ambiciosa”

Na opinião de Ana Garcia, professora de Relações Internacionais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e pesquisadora associada do BRICS Policy Center, “a grande entrega da presidência brasileira seria um avanço em matéria de institucionalidade do Brics”, depois de sua ampliação.

— O crescimento do grupo respondeu a interesses de cada país, não há critérios técnicos, são decisões políticas — aponta a especialista.

Por outro lado, Garcia afirma que "falar em ampliar o comércio é a agenda mais fácil e politicamente menos ambiciosa”.

— Reduzir a dependência do dólar é uma agenda mais ambiciosa, mas não é simples de implementar. O BC tem colocado um freio nessa agenda — assegura a pesquisadora, que lamenta a demora do grupo em tirar do papel iniciativas como o Arranjo de Contingência de Reservas, lançada há 11 anos com a meta de se tornar uma espécie de fundo de ajuda aos países que pudesse, até mesmo, substituir organismos como o Fundo Monetário Internacional (**FMI**).

Representantes dos países que integram o Brics chegarão ao Brasil num mundo conturbado pela ofensiva comercial de Trump, o que acabou tornado a agenda do grupo, em palavras de Marianna Albuquerque, professora do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da UFRJ, “mais urgente”.

- **Tarifaço: China reage à ameaça de Trump de taxar quem compra petróleo da Venezuela**

— É limitante dizer que a agenda do grupo é antiTrump, já que há muitos anos os países do Brics debatem formas de aumentar o comércio entre eles. Economia, investimento e finanças são pilares do grupo. O que está sendo

estimulado hoje é o debate entre moedas locais, e não começou por causa do Trump, mas agora ganhou sendo de urgência — explica a especialista, num intervalo de uma conferência sobre segurança na Índia.

Ela conta que empresas brasileiras como a Tramontina estão começando a chegar no país. Como tudo o que acontece no âmbito do Brics, onde convivem países de diversos continentes, são pequenos passos que requerem enorme esforço.

O mesmo acontece com a defesa de reforma do sistema de governança global. O grupo pretende, entre suas prioridades, conseguir uma reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas esse objetivo ainda parece longe de ser alcançado.

— A importância do Brics é inegável. Para dar apenas um exemplo, mais de 70% dos minerais de terras raras do mundo estão nos países do grupo. Num contexto em que o Pacífico, incluindo, claro, os Estados Unidos, passa a ser o centro gravitacional de poder geopolítico e comercial do mundo, o Brics ganha ainda mais relevância — conclui Albuquerque.

[Webstories](#)